

Iraque está saindo de 40 anos de guerra?

Existe um clima de autoconfiança crescente em Bagdade que não via desde que visitei o Iraque pela primeira vez em 1977. O país parecia então estar a caminho de um futuro pacífico e próspero, graças ao aumento das receitas do petróleo. Só alguns anos mais tarde ficou claro que Saddam Hussein era um monstro cruel com uma tendência desastrosa para iniciar guerras impossíveis de vencer. Ele poderia então dirigir com segurança por todo o Iraque, visitando as cidades de Mosul até Basra, que se tornou letalmente perigosa nos 40 anos seguintes.

As ruas da capital estão cheias de gente que faz compras e come em restaurantes até tarde da noite. Olhando pela janela do hotel, posso ver pessoas, pela primeira vez em muitos anos, construindo coisas que não são fortificações militares. Não há pontos sinistros de fumo negro no horizonte que apontem para onde as bombas explodiram. Mais importante ainda, há um sentimento popular de que as duas vitórias das forças de segurança iraquianas em Mossul, em julho, e Kirkuk, em 16 de outubro, mudaram permanentemente o equilíbrio de poder em favor da estabilidade. O primeiro-ministro Haider al-Abadi, criticado por ser fraco e hesitante, é hoje elogiado por quase todos pela sua calma, determinação e sucesso na luta contra Isis e por enfrentar os curdos.

“Detecto um certo equilíbrio em Bagdá que nunca vi antes”, diz o historiador e ex-ministro iraquiano Ali Allawi. “Al-Abadi mal fez asneira desde o início da crise de Kirkuk. Um oficial de segurança iraquiano recentemente aposentado acrescenta que “foi uma sorte para todos os iraquianos que [o presidente curdo Masoud] Barzani provocou confrontação quando o fez”. As pessoas na capital começam a parecer mais vencedores do que vítimas.

A vida em Bagdá é anormal em comparação com qualquer outra cidade: ainda está cheia de paredes de concreto que sempre me fazem lembrar de lápides gigantes. Numerosos postos de controle exacerbam os terríveis engarrafamentos. Os ataques à bomba do ISIS são muito menos frequentes do que costumavam ser, mas há memórias de atrocidades passadas, como a bomba de um caminhão no distrito de Karada, em 3 de julho de 2016, que matou 323 pessoas e feriu centenas mais. “Muitos deles foram queimados até a morte em edifícios com lençóis de plástico no exterior que pegaram fogo como a Torre Grenfell”, disse um observador iraquiano quando passamos em frente ao local da explosão.

A violência ainda não acabou: a maioria xiita está prestes a celebrar o festival Arbáeen em 10 de novembro, quando milhões de peregrinos caminham para a cidade santa de Kerbala para lamentar a morte do Imam Hussein em uma batalha em 680 dC. A estrada entre Kerbala e a cidade santa de Najaf já está decorada com milhares de bandeiras de luto, entremeadas de verdes e vermelhas, e há milhares de tendas improvisadas onde os peregrinos podem descansar e comer.

O grande número de peregrinos torna impossível protegê-los a todos, de modo que ISIS também pode bombardear a grande multidão de peregrinos na tentativa de provar que não desapareceu completamente. Apesar disso, a tão esperada derrota de ISIS é muito real, mas o maior estímulo à moral pública vem do inesperado colapso, com pouca resistência e num curto espaço de tempo, do Estado quase-curdo do norte do Iraque, que tinha governado um quarto do país.

A história do Iraque ao longo dos últimos 40 anos foi preenchida com os chamados “pontos de inflexão” para os mais frustrados, o que acabou por ser apenas o início de uma nova fase nas intermináveis guerras civis do Iraque desde que os americanos derrubaram Saddam Hussein em 2003.

Todas as partes tornaram-se, em períodos diferentes,

instrumentos do seu apoio externo, mas este período pode estar chegando ao fim devido principalmente ao fato de as guerras terem tido vencedores e vencidos.

A política comunal não é a única característica determinante na paisagem política iraquiana, mas as comunidades xiita, sunita e curda são seus principais componentes. Os sunitas, um quinto da população, perderam em grande parte porque ISIS se tornou o seu principal veículo de oposição ao governo central. Justo ou injustamente, eles partilham a sua derrota. Suas grandes cidades, como Mosul e Ramadi, estão em ruínas. As aldeias sunitas ao longo das estradas principais foram muitas vezes arrasadas, por considerarem as bases de apoio da guerrilha local que plantaram IEDs (minas e bombas – armadilhas artesanais). Os campos de deslocados estão cheios de sunitas deslocados.

A cooperação xiita curda nasceu em oposição a Saddam Hussein e constituiu a base de governos pós-Saddam partilhados. Mas ambos os lados ficaram desapontados com o outro e Bagdá e Erbil começaram a considerar-se capitais de dois estados hostis em desacordo.

Não importa quão grandes sejam suas diferenças, eles poderiam não ter explodido em público por alguns anos se Barzani e seu Partido Democrata do Curdistão (PDK) não tivessem tido a idéia surpreendentemente ruim de realizar um referendo sobre a independência curda em 25 de setembro. Foi um dos grandes erros táticos da história do Iraque, se não do Oriente Médio: o KDP agora se queixa de que foi vítima de maquinações iranianas, mas seu verdadeiro erro foi enfrentar o governo iraquiano quando ele era política e militarmente muito mais forte depois de reconquistar Mosul de Ísis. Independentemente de o líder curdo ter ou não traído a causa, os seus Peshmergas teriam perdido a guerra.

Ironicamente, os curdos iraquianos podem perder muito da independência que tinham antes da consulta. Não só perderam a

província petrolífera de Kirkuk, como também podem perder o controlo das fronteiras das suas três províncias centrais. As forças regulares iraquianas estão empurrando para a crucial cidade fronteiriça de Fishkhabour, entre o Curdistão iraquiano e a Turquia. Al-Abadi rejeitou na semana passada uma oferta curda para “congelar” o resultado do referendo, exigindo a sua anulação total, embora agora tenha apenas valor simbólico.

Os iraquianos em Bagdá desconfiam, com razão, das previsões de um regresso à vida normal após 40 anos de crise permanente. Já houve falsas amanheceres antes, mas desta vez as perspectivas de paz são muito melhores. O maior risco é uma colisão entre os EUA e o Irão, na qual o Iraque seria o campo de batalha político – e possivelmente militar. Barzani e o KDP estão a promover a ideia de que os paramilitares xiitas Hashd al-Shaabi apoiados pelo Irão estão na linha da frente de todas as batalhas, embora Kirkuk tenha sido de facto tomado por dois regimentos de elite do Serviço Antiterrorista de Bagdade e pela 9ª divisão blindada.

O sucesso das forças regulares iraquianas é tal que um dos perigos é que elas e o Governo de Bagdade se tornem demasiado confiantes e interpretem mal o seu verdadeiro poder, não garantindo que todas as comunidades do Iraque recebam uma parte razoável do bolo nacional em termos de poder, dinheiro e empregos. Uma regra de ouro da política iraquiana é que nenhuma das três principais comunidades pode ser permanentemente marginalizada ou esmagada, como Saddam Hussein descobriu à sua custa. O fim da era das guerras no Iraque é uma boa notícia para os iraquianos, mas também para o resto do mundo.

Original: [Counterpunch](#)